



OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA
Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal
JANEIRO ~ DEZEMBRO 2012, Nº 22

ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objectivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles vêem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objectivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos, e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência, uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades, e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado, e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro, e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

JANEIRO - DEZEMBRO 2012, Nº 22

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 400 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal

Rua José Estevão 10 B,

1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 251

Director: Carlos Guerra

Colaboradores: Ana Maria Coelho de Sousa,

António Roque, Maria de Lurdes Rodrigues,

Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

Capa: C. Jinarajadasa (1875-1953),

quarto presidente da Sociedade Teosófica

Internacional (Adyar, India) de 1945 a 1952.



SUMÁRIO

Editorial

JANEIRO ~ DEZEMBRO 2012

Editorial

Carlos Guerra 1

Amor, Serviço, Libertação

Maria G. Nobre Santos 2

Abdicar do Ego a Favor da Paz

S. Ramu 7

A Ciência e a Doutrina Secreta

Sylvia Cranston 11

Apologia da Dor

Cesina Bermudes 15

Medo da Morte

J. Krishnamurti 17

A Teosofia Como Pão da Vida

Henriqueta Monge da Silva 21

A Realidade das Palavras

Rosa Duarte 25

Notícias da S.T.P.

Carlos Guerra 27

A Harmonia é a lei da vida. A discórdia é a sua sombra; e dela surge o sofrimento, que é o instrutor, o despertar da consciência.

Helena Blavatsky, Gems From the East, 1890

Os opostos dão plenitude à natureza profunda do ser. Na sua multiplicidade, a vida é uma expressão dessa plenitude. Assim, a discórdia e a concórdia destemerosas, que corajosamente interagem, possibilitam avanços e recuos, considerando e reconsiderando, questionando acima de tudo. É neste dinamismo que surge o despertar. A discórdia que dá uma nova amplitude à concórdia gera o movimento da dúvida, da incerteza, da rutura, põe em causa a concórdia que facilmente se acasula. A concórdia que dá espaço à manifestação da discórdia evita o entorpecimento e dá à discórdia o papel de força motriz. Sem bloquear em definitivo o fluxo natural da procura, a voz discordante agita, incomoda, desconstrói – tal como os obstáculos que a natureza impõe à corrente de um rio, sem o impedir de entregar-se totalmente ao oceano, depois de contornados tais obstáculos.

O sentido regenerador da Teosofia é a raiz de onde brotam a concórdia e a discórdia, lado a lado, ao encontro da Harmonia. Estudar a Teosofia é motivador, inspirador. O seu estudo pode favorecer a fluidez mental, se dele não forem alvo conclusões e garantias. Deste modo, o estudo desinteressado da Teosofia é como a brisa que torna fresco o ar quente que sufoca. Da voz discordante nasce a concórdia, tal como do caos nasce a ordem.

A voz discordante tem em si a energia revitalizadora daquilo que a concórdia pode petrificar, quer inadvertidamente, quer intencionalmente. A discórdia e a concórdia são o sopro vital uma da outra. A serenidade e a renovação surgem no silêncio gerado pelas duas. Acompanhadas uma pela outra, concórdia e discórdia favorecem a flexibilidade que permite o rearranjo. Acompanhadas uma pela outra, concórdia e discórdia mantêm em forte vibração o diálogo e a pesquisa que nada sobrevalorizam, nem nada desvalorizam. Marcados pela concórdia e pela discórdia, encaradas como as duas faces de uma mesma moeda, o diálogo e a pesquisa dão ânimo ao estudo da Teosofia e fazem desta a nascente e a foz de todos os rios.

Carlos Guerra

Amor, Serviço, Libertação

MARIA GUILHERMINA NOBRE SANTOS

Quando alguém se aproxima desse mar imenso e fascinante que é a Teosofia, fica surpreendido com a variedade infinita de meios para chegar à outra Margem.

E surge toda a gama de conotações sugestivas inspiradas pela palavra Caminho, algumas parecendo fáceis, mas sendo todas, na realidade, muito difíceis, especialmente porque o homem se esquece de que ele é o próprio Caminho. Esse Caminho, que é a descoberta do seu Ser autêntico, Espiritual, está enraizado no próprio coração do Universo, é a Realidade Una, Infinita e Eterna, onde o Ego pode encontrar inspiração para suportar a vida nos seus veículos limitados.

Seguindo o antigo preceito de Sócrates – conhece-te a ti próprio – o homem poderá atingir o segredo da Autorrealização, mergulhando cada vez mais em si próprio.

Num bom tratado de yoga podemos encontrar profusamente descritos e ilustrados todos os caminhos e técnicas que nos permitirão alcançar o verdadeiro Caminho. Entre esses podemos citar os quatro mais conhecidos dos teósofos: Raja Yoga, Jnana Yoga, Karma Yoga e Bhakti Yoga.

Raja Yoga é o Yoga da Vontade. Pela sua prática, o homem procura libertar-se de todo o condicionamento externo, de modo a permanecer na «sua própria natureza». É o caminho descrito nos Yoga Sutras de Patanjali.

Jnana Yoga - o caminho do Conhecimento. Purificando o mental, o homem consegue ultrapassá-lo, mas para isso deverá cultivar o discernimento. Cultivando o discernimento, os desejos e sonhos vãos da Personalidade transformam-se

numa aspiração sincera para ascender à Luz da Imortalidade e a longa jornada de sofrimento e miséria transmuta-se num sentimento de suprema Realização e Unidade na diversidade. É o tipo de Yoga contido nos ensinamentos do livro Aos Pés do Mestre, por exemplo, ou na obra de Shankara “Crest-Jewel of Discrimination” que poderemos traduzir por “A Jóia Suprema do Discernimento”. Karma Yoga - o caminho da Ação, em que o homem, através de um agir desinteressado a favor da Humanidade, consegue finalmente a união com o seu próprio Ser. É o yoga do Bhagavad-Gita. A ação desinteressada é um instrumento para a divinização do homem. Karma significa ação, mas a base da ação deve ser o Amor. Daí uma profunda ligação com Bhakti Yoga - o caminho da Devoção.

A essência do Bhakti Yoga é a dádiva total do Eu, num ato de puro Amor e Devoção.- a manifestação do Amor Supremo, em todos os atos da vida do bhakta. É o yoga contido nos aforismos dos «Bhakti sutras» de Narada.

Em todas estas formas de yoga é essencial a distinção entre as paixões e desejos do «eu» inferior e o desprendimento do Eu superior. Assim, todos os nossos atos deveriam constituir um processo de purificação dos nossos veículos, mas, para tanto, é necessário o Amor, porque este, se não for manchado de egoísmo, é algo que transcende o tempo.

No ponto de, vista teosófico, o Amor é a qualidade mais poderosa do mundo. Como diz o Dr. G. Arundale «O Amor é o Real no irreal, a Luz na escuridão, a Vida no meio dessa

sombra de vida a que chamamos morte».

O Amor, num primeiro estágio, mostra o Caminho e ilumina-o; depois, quando se dá a Suprema Iluminação, a última Realização, ele torna-se o próprio Caminho. É o que, por outras palavras, dizia o nosso poeta Luís de Camões: «Transforma-se o Amador na Causa Amada».

Não poderemos confundir as múltiplas facetas afetivas, vulgarmente chamadas manifestações de amor, com essa Força poderosíssima, Cósmica, que é feita da essência mais pura do verdadeiro Amor.

Muitos teósofos têm escrito páginas imorredouras sobre o significado oculto deste Sentimento, que, ao longo dos séculos, tem ocupado o espírito dos filósofos e o pensamento dos grandes escritores. Assim, parece-nos oportuno recordar as duas concepções do Amor, que alguns consideram antitéticas e outros complementares, conhecidas por «Eros» e «Agape».

Estas duas concepções não têm nada de comum na origem, mas, no decurso da história, aparecem tão estreitamente ligadas, que é difícil falar de uma, sem fazer surgir a outra.

Na história do «amor cristão», estas duas realidades aparecem sempre associadas, mas a palavra «Eros» conduz-nos a Platão e «Agape» à Filosofia cristã. À pergunta: O que é Deus? - S. João responde: «Deus é Agape».

Na tradição platónica o «Eros» procura libertar a alma dos laços que a prendem ao mundo sensível e elevá-la ao mundo transcendente. Este seria o «Eros Celeste», que não se pode confundir com o «eros vulgar», o amor que permanece ligado ao objeto sensível. Por, outro lado, também o «Eros Celeste» e o «Agape» têm muitos pontos de contacto: ambos possuem a marca do divino, mas não se pode dizer que, «Agape» seja uma forma sublimada de «Eros».

O amor cristão, «Agape», surge à luz da história num momento em que a cultura já tinha assimilado esse ideal da Antiguidade

relativo ao «Eros Celeste».

Heinrich Scholz, numa obra intitulada «Eros e Caritas, o amor platónico, e o amor em sentido cristão», considera que o termo «Caritas» é o que traduz com mais fidelidade o Amor Cristão concebido por S. Paulo, Santo Agostinho, Dante, e Pascal. Porém, não se pode identificar «Caritas» com «Agape»; «Caritas» é, de preferência, um misto de «Eros» e «Agape».

O «Agape» cristão tem a sua origem na «comunhão com Deus», tal como surge nos Evangelhos. A união de «Eros» e «Agape» passou para a Escolástica e Mística da Idade Média, tomando a forma de «Caritas».

E como surgiu a ideia de «Eros» na Antiguidade? O espírito que anima a concepção platónica de «Eros» existia já e parece ter surgido do sentimento de religiosidade determinado pelos Mistérios. Há um fio condutor que liga, neste aspecto, o platonismo com o orfismo. Pelos Mistérios pretende-se libertar o elemento imortal e divino existente na alma humana e fazê-la voltar ao fogo divino original. É a parte racional do homem, a marca da sua origem divina. A Consciência dessa origem garante a ascensão do homem aos mundos superiores. Esse é o papel de «Eros». Na concepção platónica o «Eros» é a aspiração da alma para o Mundo das Ideias, o desejo de participar na Vida Divina. O «Eros» é o intermediário entre a vida humana e o mundo da imortalidade. É a via que conduz o homem à Divindade e não a que faz descer a Divindade até ao homem. Aliás, o próprio Platão afirmou no «Banquete» que os deuses têm uma existência feliz e sem necessidades, portanto não podem sentir necessidade de amar.

Para Platão, o «Eros» era a aspiração da alma para o objeto do seu desejo; para aquilo que é belo em si é, digno de ser adquirido. Era a nostalgia da alma em relação ao seu mundo celeste.

Aristóteles vai alargar esta concepção a todos os elementos do Cosmos; o «Eros» é elevado à

categoria de força universal. O Universo inteiro está submetido ao «Eros»: tudo o que é Interior tende para o superior.

É na «Ética a Nicómaco» que se encontra a teoria aristotélica da amizade, que vai resurgir na distinção escolástica entre «desejo» e «amizade», que Aristóteles considera fundada no «Amor de si próprio». O «Eros» platónico era ainda profundamente influenciado pelo espírito de religiosidade, mas em Aristóteles este espírito passa para segundo plano. No entanto, cinco séculos mais tarde, com Plotino, o ponto de visita religioso torna-se preponderante.

Para Platão, o importante era a ascensão da alma para o Mundo das Ideias e não concedia grande atenção à maneira como a alma tinha descido do seu mundo para se ligar ao elemento corporal. Para Plotino, pelo contrário, a descida da alma é um ponto fundamental: o abaixamento precede a ascensão; no seu regresso para Deus, a alma tem de percorrer, em sentido inverso, as etapas que correspondem ao processo cosmogónico. Para Plotino o sistema é o seguinte: Todas as coisas provêm do Uno, do Divino e todas as coisas voltam a essa Unidade.

A alma deixa-se encadear nos laços do mundo sensível mas, depois, graças ao «Eros», tende para o Beto e daí inicia o caminho ascendente: até chegar ao Divino. É pelo facto de a alma ser de natureza divina, que a sua redenção é possível.

Portanto, se o «Eros» é a via ascendente, que conduz ao Divino, poderíamos dizer que o «Agape» é o caminho descendente, em que Deus vem até ao homem para o salvar. A ideia cristã de «Agape» opõe-se à ideia clássica de «Eros». Os gregos pensavam que os deuses não tinham necessidade de amor; o cristianismo introduz um conceito fundamental: Deus é Amor. Um amor que traz em si a marca do sacrifício e da dádiva total. Para os gregos, Deus não entra em contacto com os homens; o «Agape» cristão é, pelo contrário, a comunhão Com o homem, instituída por

Deus. «Eros» e «Agape» caracterizam, pois, duas concepções diferentes da vida, uma centrada no homem, a outra em Deus. Na primeira, o homem não se encontra a uma distância intransponível em relação a Deus e pode sempre aproximar-se dele. Na segunda, tudo se move à volta de Deus e há um profundo abismo entre Deus e o homem. A simples ideia de que o homem pudesse elevar-se ao nível da Divindade, seria considerada uma forma de tremendo orgulho, que o afastaria ainda mais de Deus. É este que tem de descer até ele, através do «Agape».

O «Agape» cristão contém ainda outra ideia muito importante - a do «amor ao próximo» e, por extensão, o amor pelos inimigos. Este amor encontra a sua justificação no facto de o homem ser uma criatura divina.

Não é difícil compreender o objetivo desta longa digressão.

No ponto de vista teosófico, o Amor é também um misto de «Eros Celeste» e de «Agape», mas aqui atingindo uma tal intensidade que, pelo Amor, o homem pode alcançar a Suprema Realização.

Dizia o Sr. Sri Ram: «Quando o Amor é espiritual, é uma energia que pertence à unidade e totalidade da Vida.» «O Amor que é totalmente desinteressado é como a luz: que cai sobre o objeto, e o Amor é uno com essa Energia que é luz.

É também no «Eros Celeste» que podemos vislumbrar a raiz daquele sentimento que fundamenta toda a vida e que constitui o princípio básico da Sociedade Teosófica - a Fraternidade. É este sentimento que nos impele, muitas vezes, para o Caminho do Serviço.

O Serviço, de um modo geral e no que se refere ao nosso planeta, consiste em ajudar a humanidade e os outros reinos da natureza. Por uma atitude absolutamente desinteressada e de dádiva total do nosso ser, poderemos tornar-nos dignos de participar na execução do Grande Plano do Logos.

O autêntico Serviço caracteriza-se por um espírito de auxílio, amor e desejo de libertar os outros do seu sofrimento e não apenas de procurar uma satisfação pessoal.

Citando a Dra. Besant: «Ninguém pode ser um verdadeiro membro de uma Sociedade como a nossa, se não empreender qualquer espécie de serviço pelos outros. A vida do Espírito consiste em dar continuamente. Não podemos esperar que a vida espiritual se derrame sobre nós, a não ser que a vida que estivermos recebendo jorre de dentro de nós em todas as direções.»

O Serviço deve ser cumprido sem qualquer desejo de benefício pessoal. Quando o auxílio prestado a outrem é inspirado por um amor que procura envolver todos os seres, atingirá a humanidade e a própria vida.

Disse o Sr. Sri Ram: «Devemos aprender a usar as nossas capacidades e todos os meios à nossa disposição para ajudar os outros, de modo que, por fim, todos os nossos atos possam transformar-se em Serviço pela Humanidade e pela Vida em geral.»

O Serviço pode partir das formas mais modestas e humildes, mas se for realizado nesse espírito de dádiva total, de abertura, de Amor autêntico, conduzirá o Servidor, inevitavelmente, aos «Pés do Mestre». O verdadeiro Servidor será aquele que acolher com o mesmo carinho e compreensão todos os que necessitarem da sua ajuda. Para atingir este estágio já avançado é necessário ter consciência da Unidade do Eu e sentir essa Unidade com o coração e não apenas com a inteligência. Se, pela nossa impaciência e incompreensão deixarmos de ajudar os nossos semelhantes, teremos falhado no Serviço dos Mestres.

Servir por amor do Serviço e não pelo prazer que isso nos possa causar, é já um grande passo no Caminho da Libertação. O Caminho do Serviço, quando é percorrido segundo a arte de viver, leva-nos a descobrir nos outros os melhores aspetos de beleza, amor,

compreensão, virtude e, desse modo, a nossa ajuda será mais impessoal e eficaz. Na medida em que sentirmos as alegrias e dores dos outros como sendo nossas, estaremos a aproximar-nos do Caminho do Serviço que, por um sacrifício total da Personalidade e por um Amor infinito, grandioso, sublime, nos conduzirá à Libertação.

O ideal do Amor e o ideal do Serviço encontram-se ligados de uma maneira inextricável e por isso um dos principais meios de Libertação é o Amor expresso em Serviço, ação em que o «eu» inferior é esquecido, manifestando-se um «Eu» Superior capaz de criar beleza, harmonia e felicidade.

O termo «Libertação» pode ser encarado de três perspetivas diferentes:

1) A do religioso vulgar, para quem a Religião é, no fundo, uma maneira de se afastar de uma vida difícil e não satisfatória; ele procura a libertação, mas para si próprio, isolado dos outros, de um modo egoísta. Na realidade, essa não é a verdadeira libertação.

2) A de um sector do pensamento psicológico moderno, nomeadamente a psicanálise, que auxilia o paciente a tomar consciência suas frustrações e a eliminar os complexos gerados por recalcamientos. Com frequência, os meios utilizados em vez de «libertarem» o paciente, põem em liberdade as suas paixões inferiores. Estamos muito longe da autêntica Libertação ...

3) Finalmente, a libertação no sentido teosófico, místico, oculto.

Diz o Dr. Jinarajadasa no magnífico livro intitulado «Release»: «O fim do longo caminho para a Libertação encontra-se no próprio coração humano.»

Voltamos assim à ideia inicial deste trabalho: o homem só poderá encontrar o «Caminho» mergulhando em si próprio. Como o próprio título desta palestra - Amor, Serviço, Libertação - indica, e na impossibilidade de uma análise pormenorizada de todos os meios e processos de

alcançar esse Caminho interno que conduz ao objetivo final - a Libertação; e porque na última etapa todas as vias confluem, continuaremos a seguir alinhada que nos tem guiado e que, pela sua importância fundamental, abrange todas as outras: o Caminho da Devoção ou Amor (em sânscrito «Bhakti-Marga»). O Dr. I. K. Taimni, que consagrou a maior parte da sua obra aos vários sistemas de yoga, insiste no facto de que nenhum deles é na realidade independente e suficiente para atingir a Autorrealização. São facetas diferentes da Ciência do Yoga e cada uma valoriza um aspeto e específico, mas o importante é que «cada homem, é, para si próprio, a Vida, a Verdade e o Caminho» e que a via seguida por cada um se desdobra à medida que avança, de acordo com a sua peculiaridade individual e o papel que lhe é destinado desempenhar no Plano Divino num futuro remoto.

É nos «Bhakti-Sutras» de Narada que se encontram os traços mais característicos do Caminho da Devoção ou Amor; é considerado um grande auxiliar para os que desejam realizar Deus através do Amor.

Todos os indivíduos, na longa série das suas vidas, terão de cultivar e desenvolver todas as fases do desenvolvimento espiritual que, por fim, os levará Autorrealização e Libertação das cadeias ilusórias dos mundos manifestados. Para o Dr. Taimni, a Devoção transcende os aspetos inferiores da natureza humana, expressando-se através das emoções, pensamentos e ações, e o seu desenvolvimento nos estádios superiores não depende do âmbito e poder limitado das emoções. É o veículo Búdico que entra em ação nesses estádios superiores é a descida de forças do Plano Búdico que dá origem às emoções requintadas que levam o Bhakta a um estado de perfeita quietação e autocontrolo espiritual que pré-anuncia a Libertação.

A palavra «Amor» no seu significado mais puro é um aspeto do próprio Deus. Bhakti

não tem qualquer relação com as conotações inferiores que a palavra «amor», na literatura ocidental tem por vezes assumido. Por isso no Aforismo 81 dos «Bhakti-Sutras» o autor mostra que a devoção por Deus é preferível à devoção por um indivíduo. Mesmo que seja orientada para um Mestre, deve ser dirigida não para a sua personalidade, mas para o «Deus encerrado no santuário do Seu coração». Um ponto muito importante a fixar é que, no desenvolvimento da devoção, não há de facto desenvolvimento, mas revelação, porque a Realidade que é referida como sendo Deus, está já presente no coração de todo o ser humano, na sua plena radiação e no aspeto fundamental, que é o próprio Amor.

Quando o aspirante à Libertação consegue rasgar o véu que separa os níveis inferiores em relação ao Ser, o Amor jorra num caudal inexaurível e esse é o ponto de partida para a autorregeneração. Através do Amor de Deus, o nosso conhecimento alarga-se e o Amor eleva-nos a um estado de permanente consciência dessa Realidade a que se chama Autorrealização. Há apenas uma Realidade com dois aspetos - o transcendente e o manifestado. O transcendente é um Princípio sem forma nem atributos; o manifestado, é a base em que assenta o Universo criado pelo Mental Divino.

Seja qual for o nosso tipo de devoção, ela vai ao encontro da Realidade Una e provoca uma resposta dessa mesma Realidade, que é invisível, mas existe dentro do nosso coração em toda a plenitude, sendo fonte de Conhecimento, Força e Amor. Deste modo, o Bhakta cultivando o amor no mais elevado, grau, poderá mergulhar no Amor-Realidade Transcendente, que é a suprema e final Libertação. ∞

In Portugal Teosófico nº1 jan/fev/mar 1981 (ano jubilar)

Abdicar do Ego a Favor da Paz, da Liberdade e da Felicidade

S. RAMU

Todos nós estamos preocupados com o sofrimento. O ego e o sofrimento estão fortemente ligados. O ego é a causa do sofrimento e um empecilho para um estado espiritual do ser. Um estado espiritual do ser significa um estado de libertação ou liberdade, paz e felicidade ou alegria. Para entender a questão, fica aqui uma ideia de solução. Assim, será útil compreender a formação e o funcionamento do ego, como ele age, o qual constitui um impedimento para o estado espiritual.

O que distingue um organismo de outro é o seu nível de consciência. Mesmo que o ser humano seja colocado hierarquicamente acima das diferentes espécies, devido a um nível superior de consciência, é destituído de significado benéfico se um ego dominante se sobrepõe a tal consciência. Um baixo nível de consciência com um ego menos dominante pode ser bem menos prejudicial para o mundo e os seus seres vivos do que um nível superior de consciência ao qual se sobrepõe um ego dominante.

O ego é um problema peculiar no sentido em que existe como a causa do sofrimento e ainda não tem existência real! É um fantasma. Ele é fictício, mas um problema real. J. Krishnamurti diz que o 'eu' ao qual nos apegamos é fictício. Tal pode ser a causa raiz do medo, preso a algo que é inexistente. E esse 'eu', sendo incerto da sua própria existência, nas profundezas de nosso ser, pode ser a causa fundamental do medo. Isto não significa que, se não tivermos 'eu', não podemos viver neste mundo. Muito pelo contrário! Ao reconhecer a natureza fictícia do ego, ele pode tornar-se um problema menor. Por outras palavras, 'o ego é uma atividade,

não é uma entidade'. Uma atividade de preocupação consigo mesmo, ou autocontenção, e nessa medida, na sua maioria, uma atividade inconsciente ou subconsciente.

Vejamos a influência do ego sobre o comportamento. O meu comportamento é o espelho do meu ego ou, com sorte, a sua ausência. Padrões externos de comportamento baseados em noções subsequentes, crenças, tendências e preconceitos e comportamento marcado pela intolerância e pelo medo da insegurança são os atributos do ego. Daí a observação do nosso comportamento ser útil, como um médico observa atentamente os sinais e os sintomas de uma doença. Quando observais os seus atributos e as suas manifestações, compreendeis o ego.

Os atributos do ego e o seu funcionamento podem ser também elaborados em termos do estado interno. Eles são o descontentamento e a insatisfação resultante, inquietação, medo, insegurança, desilusão, esperança, ódio, apego e desejo de poder e de permanência, a discórdia e o sofrimento advenientes. O ego nunca aceita o que é e tenta sempre buscar algo mais desejável, ou tenta livrar-se de algo que é visto como indesejável. Mesmo se uma situação 'ideal' é disponibilizada, o ego cria um novo ideal e procurar fazer valê-lo e assim criar conflitos internos!

O ego está no centro da miséria humana mais individual, bem como no centro de problemas coletivos, como as alterações climáticas e a degradação ambiental, pois estes são resultados das atividades humanas evitáveis impulsionadas pelo ego inquieto. Tal necessita uma maior compreensão

da maneira como o ego funciona. Porque o ego é fictício e, portanto, inseguro, o ego pensa compulsivamente, a fim de assegurar a sua 'existência'. O pensamento é o instrumento para a sua segurança. O principal mecanismo de funcionamento do ego é o processo de pensamento. O ego põe este mecanismo a trabalhar para superar o seu sentimento de insegurança e para realizar desejos e ambições. O ego e o pensamento não podem ser separados. A memória é também um instrumento do ego. Outra ferramenta é o entretenimento que mantém as células do cérebro num estado de excitação. J. Krishnamurti disse que o entretenimento é uma fuga de si mesmo. A tendência do ego para satisfazer as células do cérebro cresce ao evocar recordações agradáveis de experiências passadas com a ajuda do pensamento. A tendência do ego para superar as ameaças captadas e garantir a sua existência é também conseguida através da invocação de memórias de experiências passadas desagradáveis e percepções de ameaças. Todas estas acontecem no reino do pensamento, desencadeadas pelas impressões das experiências passadas ou samskãra-s. Portanto, não temos de lutar pela liberdade de pensamento, mas temos de procurar a liberdade fora do pensamento. J. Krishnamurti disse que a liberdade de pensamento não existe e é um contrassenso. A chave de aprendizagem de todos estes fenómenos é parar de recorrer às memórias das experiências de dor e prazer. Quando tais pensamentos surgem, devem ser cortados pela raiz, como Ramana Maharshi diz. Não há ego sem pensamento. Ramana Maharshi disse que o pensamento 'eu' é o primeiro pensamento do qual mais pensamentos surgem.

O medo e a ganância são as características básicas individuais do ego, que lideram a maior parte das suas atividades. O medo é devido à insegurança que por sua vez é devido à ignorância da verdade de que a segurança em si é um mito e, portanto, a insegurança também é um mito. A ganância é devida ao descontentamento que é de novo devido à ignorância da verdadeira natureza das coisas.

Reconhecer a natureza fictícia do ego é um passo importante para superar a sua posição dominante. Eckhart Tolle comenta que na medida em que o ego está presente num indivíduo, esse indivíduo é algo insano.

Porque são as crianças tão alegres? A criança parece não ter ego. A criança, muitas vezes, refere-se a si mesma na terceira pessoa. O ambiente (escola, pais, sociedade, etc.) estimula e provoca o que, talvez, na melhor das hipóteses, pode ser uma semente de um ego adormecido no crescimento infantil, tornando-se numa forte identidade individual. O ego depende muito da identidade. Mas a própria identidade é fictícia e nenhum de nós tem uma identidade única. Cada um de nós tem muitas identidades – como filho ou filha, pai, irmão, empregado, empregador, comprador, vendedor, etc. Comportamo-nos de forma bastante diferente em cada um dos papéis que desempenhamos na vida. Portanto, o ego não é um verdadeiro 'eu', porque não há 'um só eu'!

A preocupação do ego é tal que fazemos todos os esforços possíveis para tentar preencher-nos, quando deveríamos estar a esvaziar-nos de nós mesmos. Na medicina, é dito que, enquanto o corpo elimina, há esperança! Isto aplica-se ao ego também. O ego só quer agarrar e acumular mais e mais – seja riqueza, posição, poder ou conhecimento! Para muitos, a imortalidade na verdade significa a perpetuação do ego! Que estranho! Parece que todos os demónios das histórias mitológicas que trabalharam para a imortalidade através de penitências e de benefícios, são metáforas relativas à tendência do ego para se perpetuar. Mesmo todos os problemas do mundo moderno, tais como as alterações climáticas, a violência e as guerras são motivados pelas atividades do ego humano.

Voltando ao funcionamento do ego, quando perturbado pela sua hiperatividade, o ego pode recorrer à oração, entrar em rituais e fingir ser religioso e desenvolver crenças e dogmas para seu conforto. O ego pode conceder-se a um

(pseudo) estado espiritual e em justificação de tal estatuto, pode envolver-se em discursos ‘espirituais’ e escrever artigos sobre espiritualidade. Mesmo o conhecimento é uma possessão do ego, incluindo o conhecimento da matéria e das escrituras. Esse conhecimento do ego pode ser terrivelmente condicionado. O conhecimento de experiências passadas mantido como lembranças, invariavelmente leva à comparação da experiência atual com o ‘já sei’ e assim torna impossível novas experiências, tornando a vida monótona.

Como transcender o estado do ego e passar para um estado espiritual, de modo curativo, substituir os conflitos e o sofrimento por liberdade, pela paz e pela felicidade? Como superar os pensamentos angustiantes criados pelo ego? Ramana Maharsi tem duas perguntas simples como ‘quem sou eu?’ e ‘para quem é este pensamento perturbador?’ Ele ocorre para o ego! A próxima questão lógica é: eu sou o ego? Ou é o estado de ego a minha verdadeira natureza? Quando um visitante pediu a Ramana Maharsi a sua opinião sobre a ‘consciência, sem escolha, sem esforço’ de J. Krishnamurti, ele respondeu que é o nosso verdadeiro estado e natureza. Este é o estado sem ego. Essa introspeção ajuda a transcender o ego-estado para um estado de consciência que não é afetado pelo ego.

A aprendizagem importante de todos estes ensinamentos é que se deve observar os próprios pensamentos e o comportamento. Quando são marcados pela raiva, intolerância, rancor, inveja, medo, ganância, qualquer tipo de desejo egoísta, aversão devido ao preconceito, insegurança, desilusão, esperança, ódio, apego sentimental e sua escravidão, sentimento de posse ou sensação de desejo, perda de controlo, desejo de permanência, resistindo à mudança, compulsões religiosas e pressões, apelos e indulgência em memórias de experiências passadas de sofrimento e prazer, descontentamento, conflito entre o que é e o que deve ser, de acordo com ideais, noções e toda a artificialidade, tudo isto significa que o ego está em ação. Quando o comportamento

é marcado pela aceitação, tolerância, contentamento, paz, respeito pela vida, pela alegria, pela resposta natural e espontânea para ajudar os outros no sofrimento, impulsionada pela compaixão e inteligência, o ego é subjugado e o estado de ser do indivíduo tem a qualidade de espiritualidade.

Outra aprendizagem importante é viver no presente, momento a momento. O ego não pode viver no presente. O ego sustenta-se apenas de memórias de experiências passadas ou de fantasias relativas ao futuro, sempre na esfera do pensamento. Vivei o momento presente. Preste atenção integral, atenção ao presente, a cada momento. Afastai os pensamentos do futuro, como e quando eles aparecem, sugerindo a vós mesmos que ireis conhecer o futuro quando ele surgir. Quando começardes a praticar a negação dos pensamentos do futuro, questionando tais pensamentos em germinação, podereis facilmente ser capaz de praticá-lo, com mais frequência e por um período mais longo de cada vez. A frequência e a duração dos estados de pensamento livre aumentarão ao longo do tempo. J. Krishnamurti disse que a realidade está no intervalo entre dois pensamentos. Esta atitude não afetará o futuro inconscientemente, pelo contrário planejaremos e prepararemos, quando necessário, e fá-lo-emos da forma mais criativa, porque o cérebro não está condicionado. Na verdade, o seu desempenho melhorará, como na organização do dia-a-dia – consultas, compras, etc., para os quais não precisais de ser apanhado na rede dos pensamentos perpétuos.

Esta reflexão começou com a ligação entre o ego e o sofrimento. Talvez o sofrimento ou a dor consequente tenha o papel de subjugar o ego. No Mahābhārata, no final da guerra entre dharma e adharma, Krishna agradece a Kunti a sua cooperação, incluindo a cooperação alargada de não revelar aos seus outros filhos o facto de que Karna era seu filho e irmão mais velho dos outros. Krishna pergunta a Kunti se há algo que ela possa buscar junto dele, como reciprocidade. Kunti parece ter

respondido que, por causa da sua intensa tristeza, estava constantemente a lembrar o Senhor e, portanto, não tinha arrependimentos. Talvez o seu ego tenha sofrido tanto que ela transformou a sua consciência do ego em consciência de Deus. J. Krishnamurti diz que, para compreender o sofrimento, é preciso ocorrer a real experiência do mesmo. Ele diz ainda que, se a mente está nesse estado de sofrimento intenso, em que todas as avenidas da saída de escape estão bloqueadas, então, a inteligência será despertada.

Muitas pessoas se queixam de stresse mental. O stresse não surge tanto a partir dos acontecimentos externos e do trabalho, mas da resistência do ego ao que ele é, ao nível do pensamento. Aceitar o que é e não se esforçar para o que deveria ser. Não creiais ideais. Não há limite para ideais.

O estado de ser sem ego prepara o caminho para o estado espiritual do ser, caracterizado pela liberdade, pela paz e pela felicidade. Quando o ego desaparece, brilha o espírito. Quando a poeira é removida, a jóia brilha totalmente ou reflete o espelho claramente. Muitos sábios, percebendo o estado de espírito de liberdade, de paz e de felicidade, têm enfatizado o autoconhecimento como a quintessência da espiritualidade. O início do autoconhecimento é a dissolução do ego ou negação do ego. Apesar de J. Krishnamurti afirmar que a libertação não é resultado da negação, mas da perfeição da mente, eu daria mais importância à outra afirmação no contexto do discernimento – que o falso deve ser encarado como falso. Esta negação pode aparecer como vacuidade, mas é um vazio que é mais sensibilidade, pronta para receber novas experiências espirituais em todos os momentos. Não há resistência a qualquer tipo de novidade e mudança, neste estádio, considerando que o ego é a própria resistência.

Qualquer um pode ser livre de ego e ser espiritual, mas não pode ser motivado pelos esforços. Como já sabiamente foi dito, ninguém se pode tornar santo, mas pode ser santo. Todos os esforços de autopromoção são do ego. Quando um visitante

disse a Ramana Maharshi ‘eu quero ser espiritual’, Maharshi disse ‘deita fora as palavras “eu” e “quero ser” e o que resta é “espiritual”’. É uma questão de abandonar o ego. Esse é o primeiro passo que é também o último passo, no sentido de que nada mais há de necessário, para estar na direção certa. A jornada espiritual tem a ver com a direção e não o ritmo (tempo) e o local (localização no espaço), que são as fronteiras do ego.

Tendo dito tanto sobre o ego e a inteligência, posso parecer contradizer-me quando digo que o ego-eu e o sem-ego ‘inteligência de si’ não são duas entidades separadas. Qualquer um que converte pensamentos em palavras e fala, não o pode fazer sem alguma contradição. Só o Senhor Dakshināmurti é aclamado para ser livre de contradição, porque Ele ensina pelo silêncio. O ego-eu e o sem-ego não são duas entidades separadas. No Bhagavadgītā afirma-se que manas que é subjugado ou, digamos, transformado, é benéfico, enquanto manas que é indomável ou egoísta, é prejudicial. J. Krishnamurti fala da própria mente que se torna inteligência. Podem imaginar-se os estados de transformação de vapor para água, para gelo, para neve, para vapor de água, para a água em vapor novamente, ou qualquer outro número de estados intermediários. É uma questão de autotransformação de um estado para outro, mas sem esforço no sentido de que ela é, sem desejar tornar-se melhor. Qualquer um pode estar no estado de ego e passar por todas as experiências infelizes, ou transformar-se e permanecer num estado espiritual sem ego, em liberdade, paz e felicidade. Desprovido do impedimento do ego, a liberdade, a paz e a felicidade tornam-se o conteúdo da consciência ou a consciência em si, que é igualmente o estado espiritual do ser.

Chegamos mais perto do grandioso quando somos grandes em humildade.

Rabindranath Tagore

∞

in The Theosophist, Agosto de 2010

A Ciência e A Doutrina Secreta

SYLVIA CRANSTON

Em 1988, por ocasião dos cem anos da publicação da obra *A Doutrina Secreta* [de Helena Blavatsky], foram realizados vários simpósios nos Estados Unidos, Europa e Índia. Numa palestra na cidade de Culver, na Califórnia, o destacado teósofo norte-americano Jerry Hejka-Ekins observou:

É muito pouco provável que algum crítico literário, examinando A Doutrina Secreta em 1888, pensasse que esta obra pudesse ter mais do que algumas poucas edições. É uma obra de tamanho considerável, com cerca de 1500 páginas, cheia de termos filosóficos e religiosos do Extremo Oriente que contrastavam com a ciência do século dezanove e com as teorias agora desenvolvidas. Mas, de qualquer modo, cem anos depois, A Doutrina Secreta continua a ser impressa e ainda é estudada. [...] O que há em A Doutrina Secreta que a faz perdurar e continuar influenciando o pensamento atual quando outras obras foram esquecidas há muito tempo? Talvez este livro pertença realmente ao século vinte e tenha sido escrito 100 anos antes do seu tempo. [...] Se a autora não fosse capaz de antecipar as descobertas futuras, o livro ter-se-ia tornado obsoleto em pouco tempo diante do avanço da ciência. No entanto, HPB fez a predição de que 'só no século vinte, partes desta obra, se não a integridade, seriam aceites'.

Profecias são raras em *A Doutrina Secreta*. A que se segue é particularmente fascinante, pois foram dadas as datas específicas em que se realizaria:

A totalidade, a profundidade, a amplitude e a extensão dos mistérios da natureza só se

encontram na ciência esotérica oriental. São tão vastos e profundos que apenas um número muito restrito entre os mais altos Iniciados – aqueles cuja própria existência só é conhecida de uns poucos Adeptos – são capazes de compreender tais conhecimentos. Tudo, porém, está ali; os factos e os processos do laboratório da natureza podem, um por um, abrir caminho na ciência exata, quando uma assistência misteriosa é proporcionada a uns poucos indivíduos nos seus esforços para desvendar os seus arcanos. É no fim dos grandes ciclos relacionados com o desenvolvimento das raças que geralmente se produzem esses acontecimentos. Estamos a chegar precisamente ao final do ciclo de 5000 anos do presente Kali Yuga ariano; e entre este momento [1888] e o ano de 1897 será feita uma enorme ruptura no véu da natureza, e a ciência materialista receberá um golpe mortal.

Há duas partes na profecia. A primeira levanta a questão sobre se alguma descoberta científica notável seria permitida no período mencionado de nove anos. David Deitz, na sua obra *The New Outline of Science* (Uma Nova Visão da Ciência), dá-nos uma visão geral bastante útil:

A história da civilização mostra poucos contrastes maiores do que a diferença entre os pontos de vista dos físicos do século dezanove e do século vinte. Quando o século dezanove estava a terminar, os físicos sentiam que tinham completado as suas tarefas. Um eminente cientista daquele tempo, ao fazer uma conferência em 1893, disse que era muito provável que as grandes descobertas no campo da Física já tivessem sido feitas.

Esboçou a história e o desenvolvimento da ciência, resumindo no final as teorias bem estruturadas do século dezanove, segundo ele afirmava, totalmente suficientes. O físico do futuro, disse tristemente, nada terá a fazer senão repetir e refinar as experiências do passado, acrescentando mais uma ou duas décimas a algum peso atômico ou constante da natureza.

Mas, dois anos mais tarde, no dia 28 de dezembro de 1895, Wilhelm Conrad Roentgen apresentava ao secretário da Sociedade de Física Médica de Würzburg o primeiro relatório escrito sobre a sua descoberta [acidental] dos raios-x. No primeiro dia de 1896, enviou por correio cópias do texto impresso para amigos cientistas em Berlim e outros lugares. Enviava com o texto algumas cópias das primeiras fotografias feitas por ele com os raios-x [...] das quais a mais espetacular mostrava os ossos de uma mão humana. Ali estava exatamente o que o orador de 1893 tinha dito que não poderia ocorrer: tinha sido feita uma nova descoberta... Roentgen tinha encontrado alguns raios misteriosos que penetravam em objetos opacos tão facilmente como a luz do sol atravessa os vidros de uma janela. No século dezanove não havia físicos que pudessem explicar esse fenômeno surpreendente... Não só os físicos, mas as pessoas por toda a parte ficaram excitadas com a novidade. Roentgen ficou famoso da noite para o dia.” [recebeu, em 1901, o Prêmio Nobel da Física.]

A segunda grande descoberta no reino da física atômica foi a da radioatividade, realizada por Antoine Henri Becquerel em Paris, [em 1896] poucas semanas depois do anúncio de Roentgen. O pai de Becquerel, também físico, tinha investigado a fluorescência, o facto de que muitas substâncias submetidas à luz do sol reluziam mais tarde no escuro. Becquerel recordava o trabalho do seu pai e perguntou-se se havia alguma semelhança entre a fluorescência e os raios-x. Em função disso, envolveu uma chapa fotográfica em papel preto e colocou sobre ela um cristal de sal de urânio que o

seu pai havia usado. Expôs este conjunto aos raios do sol. Ao revelar a chapa fotográfica, constatou que estava manchada ou escurecida como se alguma luz tivesse penetrado nela através do papel negro. Supôs que a ação da luz do sol tinha feito com que o urânio emitisse raios-x.

Durante os preparativos para experiências posteriores, Becquerel descobriu acidentalmente não os raios-x que procurava, mas a radioatividade. Sobre o assunto, o eminente físico moderno Robert Millikan observa:

A radioatividade era revolucionária para o pensamento humano, pois significava que alguns dos “átomos eternos”, isto é, os de urânio e tório, são instáveis e lançam fora espontaneamente, com grande energia, pedaços de si mesmos, desta forma transformando-se em outros átomos... De todas as novas descobertas, esta era a mais espantosa para o pensamento humano e estimulante para a imaginação, pois destruiu a ideia da imutabilidade dos elementos e mostrava que os sonhos dos alquimistas poderiam tornar-se verdade um dia.

A próxima “revelação” ocorrida dentro do período de tempo previsto em A Doutrina Secreta foi a mais importante de todas; a descoberta do eletrão, em 1897, por Sir J. J. Thomson. O Dr. Karl Compton, ex-presidente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, fez o seguinte comentário em 1936, quando se afastava do cargo de presidente da Associação Americana Para o Progresso da Ciência:

A história da ciência está cheia de exemplos de que um novo conceito ou descoberta pode levar a avanços tremendos em campos novos e vastos, cuja própria existência era, até então, insuspeitada... Mas, do meu ponto de vista, nenhum exemplo foi tão dramático como o da descoberta do eletrão, a menor partícula do universo que, no período de uma geração, transformou não só a estagnada ciência da Física, mas também uma Química, puramente descritiva, e uma estéril Astronomia, em

ciências que se desenvolvem dinamicamente, cheias de aventura intelectual, com interpretações inter-relacionadas e valores práticos.

A descoberta de Thomson foi o culminar de uma série de experiências iniciadas por Sir William Crookes, que se dedicava ao estudo das descargas elétricas em alto vácuo no tubo de Crookes, inventado por si. Este tubo iria tornar-se um protótipo para os tubos de televisão e luz fluorescente usados hoje. As experiências de Crookes implicavam a existência de um quarto estado da matéria, à qual ele chamava matéria radiante, e que, dez anos depois, se constatou serem eletrões! É interessante que, em 1888, em *A Doutrina Secreta*, HPB predizia que “a descoberta da matéria radiante do Sr. Crookes conduzirá a um estudo mais completo sobre a verdadeira origem da luz, revolucionando todas as teorias atuais”.

A descoberta do eletrão, observa o físico norte-americano, de renome, Robert Millikan, foi “extremamente útil para a humanidade, com os seus milhares de extensões e aplicações na rádio, nas comunicações de todo tipo, na produção cinematográfica e inúmeras outras indústrias...” As descobertas científicas foram poderosamente aceleradas pelo uso de instrumentos eletrónicos.

A própria obra *A Doutrina Secreta* foi usada para diversas finalidades. O major Herbert S. Turner, inventor do cabo co-axial utilizado na telefonia e instalado de um lado a outro dos Estados Unidos no final da década de 1940, relacionou a sua invenção com algumas passagens-chave de *A Doutrina Secreta*, como o conceito de círculo-que-não-pode-ser-transposto, aplicadas por ele em ideias de carácter profundamente oculto em relação ao mundo da energia física.

A profecia de *A Doutrina Secreta* que estamos a examinar afirma que, em resultado da “enorme ruptura feita no véu da natureza

[...] a ciência materialista receberá um golpe mortal”. Em *Time, Matter and Values* (Tempo, Matéria e Valores), após haver descrito as novas descobertas da Física, Millikan conclui: “como resultado, o materialismo dogmático na Física está morto”.

Raymond S. Yates, no seu livro *These Amazing Electrons* (Esses Eletrões Surpreendentes), assevera: “A velha escola estava em plena retirada. A Física estava totalmente confusa. Estava momentaneamente atordoada por uma avalanche de questões ponderáveis. O último tijolo sólido do edifício do materialismo caíra, e o pequeno e cómodo sistema de categorias e os refúgios engenhosos, construídos com tanto trabalho, haviam caído com um ruído surdo e inquietante”.

Segundo David Deitz, quando o século dezanove terminou já era claro que uma “verdadeira revolução acontecera no campo da Física”. Continua:

Quatro descobertas significativas — os raios-x, a radioatividade, o elemento químico Rádio e o eletrão — convenceram os cientistas de que a sua tarefa estava apenas a começar, e não a terminar. Havia chegado o momento de invadir o interior do átomo. É arriscado, no entanto, afirmar que alguém pudesse prever, no começo do século vinte, os grandes avanços que seriam feitos na visão teórica, ou as aplicações espetaculares que surgiriam a partir desse novo conhecimento.

O ciclo do despertar científico, que se seguiu à descoberta do eletrão, continuou a aprofundar-se com três descobertas adicionais, que abalaram ainda mais os alicerces das doutrinas materialistas:

1898 – Rádio. O elemento descoberto por Marie Curie e o seu marido, Pierre, é quatro vezes mais radiante do que o urânio de Becquerel.

1900 – Física Quântica. Max Planck lançou as bases da teoria quântica em 1900 ao mostrar que a matéria emite e absorve radiação

em pequenos pacotes ou quanta, mais tarde denominados fótons, por Einstein, ficando demonstrado que a luz pode, portanto, ser vista como partícula e como onda. (Mais de duas décadas depois, Louis de Broglie demonstrou que a matéria também se comporta com a dualidade partícula-onda). Em 1913, Niels Bohr afirmou que os elétrons saltam de uma orbital para outra em torno de um núcleo atômico ao absorver ou emitir quanta de energia, sem atravessar o espaço entre uma orbital e outra (em outras palavras, dão um salto quântico, expressão frequentemente usada hoje em diversos contextos). Este foi um grande golpe contra a doutrina mecanicista.

1905 – Equação de Einstein $E=mc^2$.
A teoria de Einstein “acrescentou o reconhecimento de que a massa ou matéria é equivalente

à energia, e de que o tempo e o espaço são partes integrantes do continuum de matéria-energia que constitui o universo”.

(...) Um certo número de cientistas tem-se interessado pela obra A Doutrina Secreta. De acordo com uma sobrinha sua, Einstein tinha sempre uma cópia dessa obra na sua mesa de trabalho. (...) A Doutrina Secreta contém muitos ensinamentos que eram negados pela ciência nos dias de HPB, mas que foram comprovados mais tarde como verdadeiros, e é possível que esta obra contenha sugestões de outras verdades que ainda serão aceites. Aqui estão três exemplos de descobertas pré-configuradas por HPB, no campo da Física. ∞

In Helena Blavatsky, Sylvia Cranston, excerto adaptado do Capítulo 3, Parte 7, Ed. Teosófica, Brasília

A Natureza ligou todos os elementos do seu Império por fios subtis de simpatia magnética e há uma relação mútua entre uma estrela e um homem.

Cartas do Mahatma a A. P. Sinnett

É verdade que as realidades que procuramos explorar estão para além do âmbito do intelecto; mas isto não significa que nós, não possamos e não devamos ter uma clara concepção intelectual da sua natureza, relações mútuas e fases de progresso que lhes correspondem.

I. K. Taimni

O conhecimento das grandes Leis ou Verdades da Criação e Evolução é chamado Teosofia, a Sabedoria de Deus – essa plenitude de Consciência que abrange tudo – as regiões infinitas de tempo e de espaço que constituem um ou mais universos.

Josephine Ransom

Apologia da Dor

CESINA BERMUDES

A vida biológica apresenta uma grande superioridade em relação à vida mineral, graças à «irritabilidade» do protoplasma. Esta faculdade provém da existência de um «corpo astral» interpenetrante com o duplo etérico e com o veículo físico denso.

A consciência das Vibrações astrais encontra-se reduzida à irritabilidade nos vegetais e nos animais unicelulares e vírus; mas, nos metazoários a partir dos celenterados, a evolução do sistema nervoso do corpo físico permite captar, cada vez melhor, não só as vibrações do veículo astral como as do veículo mental, que as almas-grupo animais já possuem.

Contudo, só o desenvolvimento do cérebro, nos vertebrados, confere aos animais a percepção da dor física. Esta faculdade aperfeiçoa-se nos mamíferos e principalmente no homem, sob a forma de maior sensibilidade (além de sentimentos e emoções). É a intercomunicação entre os veículos do quaternário inferior que permite essas manifestações.

Para que a dor exista é preciso que o estímulo nocivo chegue às células do córtex da circunvolução parietal ascendente, que estão especializadas em transformá-lo em percepção dolorosa consciente ao nível dos corpos astral e mental. A dor é comparável às vibrações eletromagnéticas dos cabos telefônicos, as quais para serem percebidas como palavras, têm de ser transformadas em sons pelo aparelho recetor-transmissor a que chamamos telefone.

A transformação dos estímulos nocivos em percepção dolorosa é uma faculdade, preciosa

para preservar a integridade do corpo denso, graças aos reflexos de defesa elaborados pelo sistema nervoso. Este é o instrumento de intercomunicação do veículo físico com os veículos astral e mental, concreto e abstrato.

O cérebro é o computador que transmite as informações elaboradas pela experiência da espécie no quaternário inferior do homem ou nos corpos astral e mental das almas-grupo dos vertebrados. Rudimentar nos peixes e nos batráquios, desenvolve-se muito nos répteis; mas é nos mamíferos superiores e na humanidade que a percepção dolorosa se torna refinada e discriminativa; pode dizer-se que ela acompanha o aperfeiçoamento das formas físicas e a evolução astro-mental, como uma conquista útil que culmina na espécie humana. A dor é muitas vezes o sinal de alarme de uma doença; mais que útil, é necessária. Não é lógico considerá-la como uma desgraça nem amaldiçoar uma faculdade estreitamente ligada à evolução do cérebro e dos corpos psíquicos, visto que a capacidade de sofrer se desenvolve paralelamente com o aperfeiçoamento destes.

Teosoficamente, a dor física é um meio de esgotar o mau Karma. Recordo-lhes que os primeiros cristãos consideravam as torturas a que foram submetidos como garantia para ganhar o Céu.

O sofrimento de Jesus foi oferecido para resgatar a humanidade e o Senhor Gautama (Buda) sentiu o apelo da sua vocação religiosa graças à piedade inspirada pela dor nos outros.

Vejamos agora as dores morais:

Meu Pai fez-me apreciar desde jovem o diálogo entre Alfred de Musset e a sua Musa, poesia que ele considerava a mais bela da língua francesa. Ao evocar o verso: «Les plus désespérés sont les chants les plus beaux», penso que a intuição de Musset o levou a compreender que o sofrimento exaltava a inspiração dos poetas. Mas as «dores da alma» podem estimular qualquer forma de arte. Recordo-lhes aquele maravilhoso quadro de Gleyre «As Ilusões Perdidas», inspirado pelo desgosto da destruição dos frescos que pintara nas paredes do palácio do Duque de Luynes. O sofrimento moral pode, portanto, tornar-se uma fonte de inspiração criadora.

Quando alguém sofre uma grande dor moral, manifesta muitas vezes o «desprendimento» dos falsos valores que anteriormente apreciava; aprende a «discernir» quão ilusórias são as felicidades efémeras.

Por isso a história regista numerosos exemplos de «grandes da Terra» que entraram em ordens religiosas por terem experimentado um grande desgosto. O sofrimento psíquico faz apelo à Vida Interior da Alma e leva a renunciar às falsas alegrias do mundo, para dedicar atenção à espiritualidade.

Teosoficamente é explicável que a interiorização de emoções de tristeza possa despertar o Ego, ou seja, despertar o que existe de melhor na personalidade. Os desgostos fazem meditar sobre a instabilidade dos laços afetivos ou mundanos e pela meditação atingir uma contemplação serena da existência, ou até o misticismo.

A associação da dor às experiências infelizes é uma fonte de aprendizagem da vida. Em todos os planos do quaternário inferior o reconhecimento dos erros é uma experiência útil e necessária. A Igreja diz: «Errare humanum est, sed perseverare diabolicum», aconselhando os fiéis a arrepender-se.

O sofrimento é provocado pelas opções erradas do nosso livre arbítrio e vai ensiná-lo a não perseverar nelas; portanto, a dor deve ser bem recebida visto que tem uma função educadora.

Ser teósofo obriga a acudir às aflições dos outros, mas há que encarar qualquer mau Karma com a certeza de que é justo e útil. Só é construtiva a compaixão esclarecida, que presta auxílio eficaz às dores dos outros mas combate a comiseração que sentem por si próprios.

Quanto ao nosso Karma pessoal, se aceitarmos compreensivamente o sofrimento, poderemos sublimá-lo como os artistas e transmutá-lo num Dharma colaborante com a corrente da Evolução.

Qualquer sofrimento leva a refletir sobre a fragilidade das convicções, sentimentos e emoções a que estamos agarrados e sobre a irre- alidade do quaternário inferior e conduz-nos ao real da Tríade atma-budhi-manas.

A dor faz-nos, pois, conhecer o melhor de nós mesmos que é o lema desta Escola de Verão: *conhece-te a ti mesmo.* ∞

In Portugal Teosófico, nº19 jul/ago/set 1985

A felicidade é uma condição que todos os seres vivos procuram. É inerente à vida, que é um processo constante de movimento, de expansão. Todo o evoluir é um processo para a libertação da vida, é um processo para que haja mais vida.

N. Sri Ram

O Medo da Morte

J. KRISHNAMURTI

Pergunta - Tenho medo da morte. Vivi uma vida de muita riqueza e plenitude, intelectual, artística e emocionalmente. Agora, que já me vou aproximando do fim, toda essa satisfação acabou e nada mais me resta, senão as crenças religiosas da minha meninice – purgatório, inferno, etc. – que me encham de pavor. Podeis renovar-me a confiança?

Krishnamurti - Acho que, em geral nós, jovens e velhos, temos medo da morte. O homem que deseja concluir a sua obra tem medo da morte, visto que aspira a chegar a um resultado. O homem que está a realizar uma carreira triunfante não deseja ser intercetado a meio dela e, portanto, teme a morte. O homem que viveu plenamente, com todas as riquezas deste mundo, também teme a morte. Assim sendo, que devemos fazer? Vede, nós nunca fazemos perguntas fundamentais. O homem que viveu com riqueza, com plenitude, nunca fez uma tal pergunta. Aquela vida exuberante e plena foi muito superficial, porque, abaixo, muito profundas, jazem todas as tradições do cristianismo, do hinduísmo, etc., ocultas, adormecidas; e quando a sua vida já não pode ser vivida com riqueza, com plenitude, os sedimentos do passado sobem à superfície e ele fica com medo do purgatório, ou inventa um céu que lhe seja satisfatório.

Subsistem, pois, no inconsciente, os sedimentos da nossa cultura, dos nossos temores raciais, etc. E enquanto estamos ativos, com o espírito lúcido, cheios de saúde, acho necessário investigarmos as profundezas do nosso ser, a fim

de descobrirmos e erradicarmos todos aqueles depósitos, aqueles sedimentos de tradição, de temor, de modo que, quando a morte se apresentar, sejamos capazes de enfrentá-la. Isto significa, realmente, que devemos ser capazes de fazer uma pergunta fundamental, agora, não nos deixando satisfazer com respostas superficiais. Há pessoas que creem na reencarnação. Dizem que viverão uma vida futura, que há continuidade, que não há aniquilamento – e nessa crença sentem-se felizes. Mas o problema não ficou resolvido, porque elas satisfazem-se, meramente com palavras, com explicações. Ou, se sois muito intelectuais, dizeis: “a morte é inevitável, faz parte da existência. Já que nasci, tenho de morrer. Porquê fazer disso um problema?” – Também estes não resolveram a questão.

Os mais de nós temos medo, mas encobermos o nosso medo com crenças, com explicações, com racionalização. Temos o homem que diz: “sou jovem ainda, e porque hei de ser ceifado? Quero viver, conhecer as riquezas da vida. Porque haveria de acontecer-me isso, a mim?” – Quando alguém diz: “porque haveria de acontecer-me isso, a mim?” – isto significa, evidentemente: “não devia acontecer a mim, mas a vós”. Interessa, pois, a todos nós este problema. Podemos investigá-lo?

Estais dispostos a experimentar o que estou a dizer-vos? – não apenas escutá-lo, mas experimentá-lo de facto, seguindo a descrição e aplicando-a a vós mesmos? A descrição é apenas a porta, através da qual tendes de olhar. Se não olhais, a descrição, a porta terá muito

pouco valor. Nós vamos, pois, olhar, para descobrirmos por nós mesmos a verdade relativa a este problema; mas não buscando explicações, substituindo a crença hinduísta na reencarnação pela crença cristã no céu, etc.

O facto é que há a morte. O organismo finda. O facto é que pode haver e pode não haver continuidade. Mas eu desejo saber agora, enquanto tenho saúde, vitalidade, energia, desejo saber o que é viver em plenitude; desejo saber, também, agora, o que significa morrer – sem esperar que um acidente ou uma doença me leve deste mundo. Desejo saber o que significa morrer – desejo entrar vivo na mansão da morte. Desejo, não teoricamente, mas de facto, experimentar essa coisa extraordinária que ela deve ser – penetrar no desconhecido, cortando todos os vínculos do conhecido.

Não tornar a encontrar o ‘conhecido’, não tornar a encontrar um amigo, lá, ‘do outro lado’ – isto é que me aterra. Tenho medo de largar tudo o que me é conhecido – a família, a virtude que cultivei, a propriedade, a posição, o poder, o pesar, a alegria – todas as coisas que acumulei e que constituem o ‘conhecido’. Tenho medo de deixar tudo isso escapar, para sempre, das profundezas do meu ser, e de me ver em presença do desconhecido – a morte. Posso eu, que sou um resultado do conhecido, procurar, sem me mudar para algo também conhecido, mas ingressando em algo que não conheço, algo nunca dantes experimentado? Têm-se escrito livros sobre a morte, várias religiões têm doutrinado a seu respeito; mas, são só descrições, são só coisas conhecidas. A morte, decerto, é o desconhecido, assim como a verdade é o desconhecido. A mente que está pejada do conhecido nunca poderá entrar no reino do desconhecido.

A questão, por conseguinte, é esta: se posso deitar fora todo o conhecido. Não posso fazê-lo pela vontade. Tende a bondade de prestar

atenção a isto. Não posso deitar fora o conhecido, pela vontade, pela volição. Porque isto supõe um produtor da vontade, uma entidade que diz “isto é bom, e isto é mau”, “isto, eu quero, e isto, eu não quero”. A mente está então atuando com base no conhecido, não é exato? Diz ela: “preciso de entrar naquele estado extraordinário que é a morte, o incognoscível, e portanto devo abandonar o conhecido”. Assim, essa pessoa procura nos vários recantos da sua mente, a fim de expulsar o conhecido. Esta ação permite a subsistência da entidade que deliberadamente expulsa o conhecido. Mas, já que essa própria entidade resulta do conhecido, nunca terá a possibilidade de experimentar aquele estado extraordinário, ou de nele ingressar. Não é claro isto? – isto é, se existe ‘experimentador’, esse experimentador é resultado do conhecido; esse experimentador deseja compreender aquilo que se não conhece, o desconhecido. Quaisquer esforços que ele desenvolva nesse sentido, a sua ‘experiência’ estará sempre dentro da esfera do conhecido. O problema, pois, é este: pode o experimentador deixar de existir completamente? Porque ele é o agente, o estímulo, a busca, a entidade que diz “isto é o conhecido e eu tenho que passar ao desconhecido”. Sem dúvida, toda a ação, todo o movimento da parte do observador, do experimentador, está sempre na esfera do conhecido.

Nestas condições, pode a mente, que é resultado do conhecido, resultado do tempo, pode essa mente entrar no desconhecido? Não pode, por certo. Está visto, pois, que toda a explicação, toda a crença a respeito da morte, tem sempre origem no conhecido. Assim sendo, posso eu, pode a minha mente, desnudar-se, de todo, do conhecido? Não há resposta. Isso depende de vós. Vós tendes de descobrir, tendes de investigar, aprofundar o problema. As perguntas fundamentais não se respondem com ‘sim’ ou ‘não’. Tendes de colocar a questão fundamental, e esperar que ela se desdobre

por si mesma. E ela não poderá desdobrar-se por si mesma se estais meramente em busca de uma resposta, uma explicação. Esta é uma questão básica: posso eu, que sou o resultado do conhecido, penetrar no desconhecido, que é a morte? Se desejo fazê-lo, tenho que fazê-lo enquanto estou vivo, e não no último momento. No último instante, a mente já não é capaz de observar, de compreender; ela está enferma, cansada, exausta, e a consciência muito enfraquecida. Mas, enquanto está exposto ao clima frio, às várias formas de revolução industrial, etc., o indivíduo tem de estar ativo, e ter bastante vestuário que o proteja. No Oriente, onde o clima é cálido e se necessita de pouca roupa, o indivíduo tem tempo, lazeres; aí, existe também a velha tradição de que se tem de renunciar à sociedade, para se achar o real. Aqui viveis completamente interessados em reformas – melhores condições, uma vida melhor. Como podem integrar-se estas duas mentalidades? As duas maneiras de proceder podem ser falsas - e têm de sê-lo, sem dúvida, quando, se dá exagerada importância a uma e se despreza a outra. Mas, se tentarmos achar a realidade, sem a buscarmos como um grupo de cristãos, mas como indivíduos independentes de qualquer autoridade, então essa própria busca é criadora, e essa capacidade criadora produz a sua ação própria. Se não buscarmos essa liberdade religiosa, todas as reformas só poderão levar-nos a piores infortúnios – como se pode ver em toda a parte. Pode-se ter paz pelo terror; mas haverá guerras interiores de todos contra todos, competição, crueldade, a busca do poder pelo grupo ou pelo indivíduo. Só os que são religiosos, no sentido mais profundo desta palavra, os que se emanciparam de toda e qualquer autoridade espiritual, que não pertencem a nenhuma igreja, nenhum grupo, que não se deixaram identificar com nenhuma doutrina particular, que estão perenemente

a buscar, a indagar, sem nunca acumularem experiência alguma – só esses indivíduos são verdadeiramente criadores. A mente de um tal indivíduo é a única mente religiosa e, portanto, revolucionária; e ela atuará sem se separar como mente contemplativa ou mente ativa, porque um tal indivíduo é um ente completo, total, cheio de energia, plenamente consciente, vigilante, lúcido – não podemos então investigar, descobrir? “Entrar em vida na mansão da morte”, isto não é uma ideia mórbida; é a única solução. Enquanto vivemos uma vida de riqueza, de plenitude – o que quer que isto signifique – ou uma vida desditosa, uma vida pobre, não teremos a possibilidade de conhecer aquilo que é imensurável e que o experimentador só pode entrever em raras ocasiões?

Podemos, então, vós e eu, libertar-nos do conhecido? Compreendeis a profundidade do problema? A mente apega-se a toda a experiência aprazível, e deseja evitar as experiências não aprazíveis. Esta acumulação do que é aprazível é o conhecido; a fuga ao não aprazível é igualmente o conhecido. Pode a mente morrer, momento por momento, para tudo o que experimentou, e nunca acumular? Porque, se há acumulação, temos, neste caso, o experimentador, que só observa as coisas baseado nessa acumulação. Esta acumulação é o próprio experimentador. Este, por conseguinte, nunca poderá conhecer o que se acha além do conhecido. Acho da maior importância que cada um de nós compreenda isto profundamente, porque, então, nem o saber, nem a disciplina, a crença, o dogma, nem o seguir instrutores e gurus, etc., têm significado algum. Porque as disciplinas, os métodos, são o conhecido: coisas que têm de ser praticadas e alvos que têm de ser atingidos.

Poderemos perceber isto, na sua totalidade, dar-lhe toda a nossa atenção, sem visarmos alcançar o desconhecido? Porque uma atenção que procura algo, como por exemplo alcançar

o desconhecido é mera exclusão, uma forma de avidez. Poderemos perceber que, enquanto há qualquer movimento da mente, esse movimento procede do tempo, do conhecido, e que tal movimento em direção ao desconhecido nunca penetrará esta esfera de liberdade? Se podermos perceber isto, então a mente, apercebendo-se da verdade relativa à questão, torna-se de todo

imóvel – já não está buscando, indagando, esquadrinhando, pois compreende que toda a busca, toda a indagação, procede do conhecido. Só com a tranquilidade total da mente é que é possível vir à existência o desconhecido. ∞

In Transformação Fundamental, J. Krishnamurti, 19 de junho de 1955

As numerosas diferenças que deixamos, na nossa ignorância, transformar em motivos de ódio, de divisão, de guerra, são na realidade as cores esplendorosas de um vasto arco-íris, os filhos da mesma Luz Branca. A Fraternidade do homem expressa a Unidade da Vida. A Paternidade de Deus, seja qual for o sentido com o qual usemos esta palavra, proclama não só a solidariedade que tudo abraça, mas também a Unidade em cujo âmago existe, vive e se movimenta a diversidade.

George Arundale

*Não ames o ramo formoso da árvore,
Nem coloques no teu coração apenas a sua imagem.*

O galho morre.

Ama a árvore toda.

*Então, amarás o pequeno ramo elegante,
Amarás a folha nova e a folha murcha,
O broto tímido, a flor desabrochada,
A pétala caída e o topo que se balança,
A sombra esplêndida de um amor completo.
Ah, ama a vida na sua plenitude.
Essa plenitude não conhece declínio.*

J. Krishnamurti
In A Canção da Vida

A Teosofia Como Pão da Vida

HENRIQUETA MONGE DA SILVA

Na sua alimentação básica, todos os povos do mundo têm algo em comum, todos comem pão. Pão esse que pode ser de cereais ou de bagas, cozido ou seco ao sol, fermentado ou ázimo, simples ou com extras, conforme o tipo de povo, a sua localização geográfica e a classe social.

Nos tempos antigos, o pão era cozido em comunidade e a Teosofia era dada e vivia-se como religião, básica ou esotérica, conforme a qualidade do povo a que se destinava. Era o seu pão espiritual, o Pão da Vida.

Aos poucos, os povos foram mudando os seus modos de estar e de ser, o seu quotidiano deixou de ser comunitário e a sua religiosidade passou a estar eivada de superstição. Até que, no século XIX, o materialismo e o fanatismo envenenaram a espiritualidade de tal modo que os Mestres nos deram um antídoto precioso, a Teosofia como foi transmitida pelos Mestres a H.P.B.

A Teosofia, nessa época, foi vivida intensamente, de um modo militante, em que cada segundo da vida diária era um oferecimento ao serviço dos Mestres. As suas cartas ensinavam a teoria, mas também o modo como se deve pôr em prática a Teosofia como caminho diário. Ensinavam como chegar ao discípulo e, para a maioria, como ser simplesmente um bom servidor, aperfeiçoando-se ao mesmo tempo. Os Irmãos Fundadores e os seus seguidores tinham esses ensinamentos como regra de vida e isso levou-os a criar a Sociedade Teosófica como instrumento da disseminação

da Teosofia para a qual trabalhavam e viviam.

Anos após ano, os ensinamentos e os ideais teosóficos foram-se espalhando pelo mundo, foram formando raízes no tecido social, dando origem a que brilhantes pensadores, filósofos ou cientistas pudessem dar origem a escolas com diferentes ênfases, esotéricas, sociais e educativas, algumas com um forte cariz prático. Ou que esses cientistas mostrassem de maneira tão inequívoca o que já tinha sido descrito pela Teosofia.

Do vivido quotidiano da Teosofia no século XX, as realidades que conheço são a espanhola e a portuguesa. A espanhola através das histórias contadas pelos próprios, irmãos mais antigos e mais idosos, muito respeitados exatamente pela sua luta diária durante a guerra civil e subsequente ditadura; por terem conseguido manter acesa e propagar a chama teosófica através de uma época difícil, cheia de proibições e restrições, em que a própria saúde e liberdade foram muitas vezes postas em sério perigo.

A realidade portuguesa foi um pouco diferente, mas muito difícil também. Durante o Estado Novo, todas as organizações de índole espiritualista viram as suas casas fechadas com a proibição de se reunirem. Contudo, continuavam a fazê-lo, dentro do maior sigilo e risco, pois havia rusgas eficientes a locais onde se tornasse suspeito estarem a acontecer esse tipo de reuniões.

O Estado Novo nunca mandou fechar a Sociedade Teosófica de Portugal. As razões

para que tal tivesse acontecido são várias e algumas não muito esclarecidas. A principal era o conteúdo dos seus estatutos, dos quais o artigo 2.º afirmava tratar-se de uma sociedade de estudos que visava, entre outras coisas, eliminar o ateísmo, o materialismo, a ambição e as práticas de espiritismo e necromancia, o que estava em perfeita sintonia com o pensamento de Salazar; e o artigo 3.º afirmava que a S.T.P. é neutra em matéria política e religiosa. Entre os membros dessa época havia muitas pessoas notáveis em vários setores sociais que à custa de muito sacrifício pessoal conseguiram, com a prática de conferências e demais atividades, demonstrar a integridade do pensamento e ação teosóficos.

A vivência dessa época sobressaía dos relatos dos membros mais antigos em que as dificuldades eram superadas pela energia, vontade e sabedoria com que organizavam a sua vida diária, em que o estudo, a prática e a divulgação da Teosofia eram o seu objetivo principal.

No fim dos anos setenta, quando comecei a frequentar esta nossa casa, constatei que, apesar de harmoniosos, os seus membros tinham temperamentos totalmente diferentes e que vivenciavam a Teosofia de maneiras diversas, segundo os seus raios. Era uma lição espantosa ver como isso se traduzia no seu quotidiano em que o entusiasmo imperava. Havia quem tivesse o dom da escrita e concebia conferências e artigos valiosíssimos, aproveitando sempre para ensinar, por vezes subtilmente, os seus alunos e amigos. Havia quem tinha o dom da palavra e mesmo de improviso, na rua, ou onde aparecesse a mais pequena ocasião, se entusiasmava e falava sobre Teosofia, ajudando no que podia a quem precisava. Havia os que tinham uma característica mais prática e ao trabalharem sobre si próprios o faziam, também, no seu lugar de trabalho,

ensinando, auxiliando colegas, muitas vezes só pelo exemplo de vida. Havia os discretos que frequentavam todos os eventos e que trabalhavam no que se lhes pedisse, e os que faziam com que a sociedade funcionasse.

Aqui, desculpem falar-vos de mim, mas é de quem sou capaz de expor melhor a vivência teosófica. Durante algum tempo ponderei profundamente sobre alguns textos das Cartas dos Mahatmas, nas quais é tratado o assunto do apoio à família como serviço, e resolvi adaptar as condições da minha vida aos ensinamentos teosóficos. Continuei a estudar e a frequentar o Ramo e os restantes eventos, mas aproveitei o facto de eu e o meu marido sermos trabalhadores independentes, tendo o escritório em casa, para dela fazer o local de reunião dos meus filhos e amigos. Tenho de agradecer aos Senhores do Karma por essa oportunidade e ao meu marido por ter entendido o que eu queria fazer e auxiliar-me.

Confesso que ter entre doze a vinte crianças, mais tarde adolescentes, numa casa, a qualquer hora do dia, a almoçar, lanchar, jantar e por vezes a dormir, era extenuante, mas compensatório. Os pais eram todos amigos nossos que trabalhavam todo o dia fora, e para quem era uma bênção que alguém lhes cuidasse dos filhos. Aproveitei a dádiva mercuriana de falar muito, e de tudo o que lhes dizia mais de metade era Teosofia prática aplicada à idade em que estavam. Cresceram num clima de absoluta confiança mútua, vendo o constante exemplo que tentávamos dar da aplicação dos ensinamentos teosóficos que lhes transmitia. Tivemos sempre o cuidado de nunca ir contra as crenças ou pensamentos dos pais com quem eu dialogava frequentemente.

Só um se tornou membro da S.T.P., mas todos são espiritualistas de uma grande profundidade. A maioria faz meditação, continua a estudar e a ler sobre assuntos teosóficos ou

simplesmente espirituais. Tentam aplicar tudo o que aprenderam na vida quotidiana, na família e no emprego. São casados e têm filhos, que querem educar, do modo como o foram e já estão a fazê-lo, dizendo: a educação que foi tão boa para nós vai ser boa para os nossos filhos. Continuam amigos, unidos como irmãos, sendo padrinhos dos filhos uns dos outros, formando com as famílias, um grande núcleo de fraternidade e discernimento.

Assim, com algumas pequenas variações, se passou o século XX e entramos no século XXI e, de repente, o pão deixou de ser feito em casa ou nas padarias e passou a ser vendido em todo o género de lojas, ou mesmo adquirido congelado para cozer em casa, de todos os géneros de farinhas, usado quando ou como quisermos, no forno, no micro-ondas ou nas máquinas de cozer pão. É tudo muito prático, mas demasiado comercial e talvez por isso se começou a ver o que anteriormente era impensável: pão, grandes quantidades de pão, nos caixotes do lixo.

E, de repente, sem darmos quase por isso passámos dos livros e dos rádios para as televisões e destas para os computadores, a internet e o YouTube, entrando nas nossas casas e no nosso quotidiano. E passamos a ter espiritualidade enlatada, ao gosto de cada um, sendo que por vezes de espiritualidade só tem o nome. Passou a ser necessário que o discernimento funcione com muito mais acuidade, porque aparece de tudo, o melhor e o pior, tudo com o mesmo rótulo.

Gente mais nova e países com características de grande modernidade, como os Estados Unidos da América e o Brasil, aderem fortemente aos novos meios de comunicação, alguns com grande resultado de estudo e disseminação teosófica, outros com um pouco menos de discernimento. Conheço admiráveis grupos virtuais e fóruns teosóficos a funcionar

de uma maneira excelente, fazendo chegar a Teosofia a pessoas que de outro modo a ela não teriam acesso, por estarem em sítios muito afastados de qualquer centro de estudos, mas também conheço verdadeiras aberrações pseudo-teosóficas que nos querem tentar impingir a todo o custo.

Existe portanto um novo quotidiano teosófico, o dos indivíduos que, de verdadeira boa vontade, passam o seu tempo a preparar material correto e a introduzi-lo na internet para benefício de outros que não conhecem, mas a quem consideram como irmãos e a quem querem ajudar. E o quotidiano daqueles que, com verdadeiro interesse e honestidade, só desse modo têm acesso ao estudo teosófico.

Fora esta nova modalidade, as maneiras de viver a Teosofia no quotidiano continuam a ter uma relação directa com o temperamento e raios de cada indivíduo. No entanto, encontramos neste começo de século um novo fator que dificulta, e muito, o trabalho diário de um teósofo: o tempo. Cada vez mais, os empregos exigem mais horas laborais, cada vez mais, se entra mais cedo e se sai mais tarde dos empregos, pelo que das anteriores oito horas diárias se tem vindo a passar para nove ou dez horas. Acrescentando a essas horas, as horas de transporte, pois cada vez mais se tem vindo a viver nas periferias, devido a problemas económicos, temos por vezes doze horas ou mais, facilmente comprováveis indo a qualquer infantário onde muitas crianças são deixadas no horário de abertura, entre as sete horas e trinta minutos e as oito horas da manhã e retiradas cerca de dez a doze horas depois.

Como pode alguém frequentar um Ramo, participar numa conferência ou estudar, sem tempo para o conseguir e extenuado de trabalho? Ou educar teosoficamente os seus filhos, se mal tem tempo para lhes dar banho e comer antes de os deitar e passar à tarefa seguinte?

Sem contar que neste último ano houve um agravamento da situação com o aparecimento da crise, com a qual as pessoas começam a ter de cortar em tudo o que não seja essencial.

Então como ficamos quanto às possibilidades de viver a Teosofia no quotidiano? Ficamos no que os nossos irmãos mais antigos nos ensinaram, seguindo os ditames das Cartas dos Mahatmas – fazer o melhor que sabemos e conduzindo-nos de tal forma que

tentemos aplicar em todos os minutos da nossa vida, laboral, pessoal ou social, aquilo que assimilamos dos ensinamentos teosóficos. De tal modo que, pelo exemplo que damos, nos perguntem como adquirimos tal postura e então, com muito ou pouco tempo, possamos ter a capacidade de responder: na Teosofia que, para mim, tem sido o Pão da Vida. ∞

In Seminário Teosófico – 16 e 17 de maio / 2009 – S.T.P.
/ Lisboa

As Duas Gotas de Orvalho

Era uma vez duas gotas de orvalho que caíram do céu sobre uma colina, encontrando-se lado a lado no cálice de uma flor. E disse uma para a outra: “preciso despachar-me, senão o sol ardente será o meu fim; tenho muito de bem para fazer.” E deslizando ao longo da haste afundou-se na terra. A outra contemplava o sol e o seu calor penetrava-a cada vez mais. Vários meses depois as duas gotas de orvalho encontraram-se de novo ao pé da colina, correndo para o mar cintilante. “Minha irmã, como chegaste aqui?”, perguntou a primeira. “Eu tenho andado muito ocupada. Primeiro penetrei na terra e tornei-me uma planta. Em seguida, um animal comeu a planta e eu tornei-me um animal. Depois um homem comeu o animal e eu tornei-me um homem. Tenho sido extremamente útil. E tu, que tens feito?” A outra respondeu: “depois de me teres deixado, não fiz nada. Sentia cada vez mais o calor do sol e isso era divinal. Sabia que morria, mas desejava a morte. Quando acordei de novo, encontrei-me entre as nuvens, muito maior do que quando tu me tinhas visto, mudando sem cessar de forma e essas formas eram tão ligeiras, tão maravilhosas! E os raios do sol dançavam através de mim. De repente uma luz fulgurou, rompeu um som, e vi-me envolvida de música. Nesta música perdi-me deliciosamente. Quando isto acabou encontrei-me outra vez cerca de ti. Oh! Como isto é maravilhoso!” Então, as duas gotas de orvalho, deslizaram juntas para o mar cintilante.

C. Jinarajadasa

A Realidade das Palavras

ROSA DUARTE

Viver é um ato de escrita. Quanto mais criativo for o nosso quotidiano, maior entusiasmo sentimos na construção de cada segmento narrativo, ao reler cada parágrafo de cada momento ou certo capítulo no recolher ao descanso de mais um pequeno ciclo de vida. A rotina também pode ser criativa quando proporciona suficiente quietação e a nossa mente é visitada pela realidade imagética e metafísica, através de um estado meditativo, rumo ao encontro com a realidade subjacente a todas as formas de existência, interpretadas pela palavra.

O real escreve-se e reescreve-se na mente de qualquer sujeito cognoscente, que é o primeiro leitor da sua narrativa, com mais ou menos consciência disso, procurando conhecer o que está fora de si, mas a seu tempo também o que está dentro de si, como um todo.

Este processo é a construção do real. A sua descoberta é um trabalho de contínua percepção que se conquista pela palavra pensada, sentida, imaginada, discernida, partilhada.

Descobrimos e redescobrimos o mundo pela palavra. Os encantos pela palavra. Os estilos pela palavra. A beleza pela palavra. Os valores pela palavra. A verdade pela palavra. A criação pela palavra. Não necessariamente a palavra pronunciada, mas a sentida e mentalizada. Não propriamente a palavra admirada, mas a compreendida e transformada em ação.

A verdade, aquela que ainda é subjetiva,

pode estar próxima da realidade, dependendo do grau de discernimento, das premissas do pensamento, da capacidade de aceitar dúvidas e desenvolver reflexões.

Mas qualquer verdade vive na honestidade das palavras, distintamente naquelas que trepam os muros da representação do real e vão extrair o pólen do desconhecido e do intraduzível em experiências súbitas de inspiração e de desconstrução do conceito do real comum, como nas evocações do Paulismo e Interseccionismo de Fernando Pessoa ou, de forma mais subtil e espiritualizada, nos Mantras dos Upanishads e dos Vedas.

O discípulo procura aprender técnicas de concentração e de percepção elevadas. Viaja pelo seu interior. Lê cada passagem das suas vivências na tela da mente numa tentativa de se aproximar do lugar mais íntimo de si, do seu coração, até alcançar o inefável, o silêncio, que não consegue chegar pela eliminação de ruído exterior, mas unicamente pela serenidade e desapego ao poder e à vaidade, pela aceitação do outro e de si próprio.

O silêncio é vaso comunicante, tem voz e induz a mente humana para conceitos como o de paz, poesia, presente, discernimento, melodia. A pausa na palavra, momento por excelência para reconhecer o silêncio, é também verbo e verdade. É espaço concedido e expansão criativa. A pausa é pauta entre o som e a ousadia. Só na pausa se recupera a ideia e a

energia. Contudo, há também o hemisfério da palavra ressequida como cobiça, humilhação, corrupção, rancor, malícia.

Não obstante tudo ser experiência na vida, a sinfonia das palavras em harmonia é aquela que faz da união dos seres de todas

as condições e lugares o cântico uníssono da intenção diamantina.

Esta é a realidade, mais intuída que investigada, das palavras, muitas sublimes, que são a mais alta expressão da criação divina. ∞

In Seminário Teosófico – 14 e 15 / maio / 2011 – S.T.P. Lisboa

Os filósofos têm salientado que a beleza poderá ser descoberta para além da superfície das coisas. O poeta Keats escreveu: “Beleza é verdade – verdade-beleza – isto é tudo”. A beleza é ver a verdade oculta no interior, o que tem pouco a ver com as qualidades ou características externas. A forma externa pode ser bela para uma pessoa e não parecer como tal para uma outra. Quer a forma pareça bela ou não, aquele que ama vê a verdade no interior, tal como faz uma mãe que percebe a natureza preciosa de uma criança que outros poderão considerar feia. A verdade ou a realidade oculta existe em toda a parte, não somente numa criança particular, numa pessoa ou coisa. Alguns vêm essa realidade num lugar, outros a vêm num outro. A consciência de que desfrutamos é apenas mais, ou menos sensível, frequentemente vendo apenas a forma externa, mas outras vezes vendo não só a forma, mas também as suas qualidades, ocasionalmente vendo mais, para além de tudo disso, no próprio coração das coisas. Ver profundamente é ver o significado, o sentido, o valor. Despertar, não meramente para o valor das particularidades, mas despertar para o valor e para o significado de toda a vida é alcançar um estado de sabedoria.

[...]

Aprender a alcançar esta sabedoria é meditação. Meditação é o despertar do poder de compreensão, de consciência, para que assim a consciência percecionem não apenas o lado externo, mas também o lado interno; não somente o que é material, mas também o invisível; não só o que é grosseiro, mas também o que é sutil.

Radha Burnier

Adaptação de um excerto do artigo O Papel da Consciência na Meditação

Notícias da S.T.P.

A realização de atividades públicas é um dos aspetos fundamentais do trabalho da Sociedade Teosófica. Atividades públicas aproximam membros e simpatizantes. Podem dar sentido, ou dar um novo rumo, às indagações de buscadores que dela se aproximem. Dar sentido e dar um novo rumo nenhuma relação tem com ancoragem. Buscadores que procuram ancorar poderão tornar a sua busca numa viagem apressada e de horizonte curto. É a viagem despojada em si mesma que nos ajuda a crescer. Sempre que se mostre relevante, as bagagens que transtornam podem cair no esquecimento, deixadas ao vento como cinzas. Momentos de transição e dificuldades são desafios para novos recomeços. As indagações que nos transformam exigem um questionar profundamente dinâmico.

Ao longo de 2012 a realização de atividades públicas revelou-se de difícil concretização. Esta dificuldade prendeu-se com a impossibilidade de utilizar a sede da S.T.P. em Lisboa, a par da procura de um novo espaço que pudesse vir assumir-se como nova sede. Ainda assim, o aluguer de salas de atividades da Espiral, na Praça da Ilha do Faial (Jardim Cesário Verde à Estefânia), em Lisboa, a cujo coordenador António Paiva se expressa aqui um agradecimento, permitiu a comemoração pública de duas datas marcantes: o dia 17 de novembro – o dia da fundação da Sociedade Teosófica, em 1875, e o dia 17 de fevereiro – o dia do falecimento do primeiro presidente internacional, Henry S. Olcott, nascido em 2 de agosto de 1832.

No dia 17 de novembro, Dia da Fundação da Sociedade Teosófica, também conhecido como Dia dos Fundadores, comemora-se o nascimento da Sociedade Teosófica, e presta-se homenagem aos seus fundadores – Helena P. Blavatsky e Henry S. Olcott. Na verdade, trata-se de uma data historicamente fundamental e a sua comemoração aproxima membros e simpatizantes da Sociedade Teosófica, num entendimento prático da causa que norteou não só a fundação da Sociedade Teosófica, mas também a vida dos seus fundadores e de todos aqueles que com eles trabalharam – a Fraternidade Universal sem distinções.

Henry Olcott faleceu no dia 17 de fevereiro de 1907. Tradicionalmente, o dia da morte do primeiro presidente internacional da Sociedade Teosófica era comemorado junto do local, na sede internacional a Sociedade Teosófica, em Adyar, onde o corpo de Olcott fora cremado. A comemoração era levada a cabo com palavras breves de homenagem e com dádiva de flores. Em 1916, Annie Besant, presidente internacional à data, altera essa tradição e dá início à realização da comemoração do dia 17 de fevereiro junto à estátua de H.P.B. e de Henry Olcott, no grande átrio de entrada no edifício sede da Sociedade Teosófica, em Adyar. Mais tarde, a partir de 1926, Annie Besant, ampliando o significado profundo da data, declara o dia 17 de fevereiro como Dia de Adyar. Para além da tradicional homenagem a Henry Olcott, no dia 17 de fevereiro relembra-se não apenas a importância de Adyar, como espaço privilegiado na história da Sociedade Teosófica e, conseqüentemente, na implementação e na expansão mundiais do movimento teosófico, bem como todos aqueles que na sede internacional têm ajudado a manter vivo esse espaço.

Não deixa de ser interessante conhecer a história destas e de outras datas comemorativas da história da Sociedade Teosófica e aprofundar de forma abrangente esse conhecimento. Mas, num contexto de crescimento humano coletivo, datas comemorativas deveriam ser tão só um motivo inspirador de reflexão e de avanço marcados pelo desprendimento.

Já no final de 2012, no dia 15 de dezembro, realizou-se, também numa das salas de atividades da Espiral, a tradicional confraternização de Natal. De dimensão convivial, a sessão foi preenchida com pequenas intervenções, de conteúdo teosófico, as quais integraram a leitura de textos, a declamação de poemas, a projeção de imagens, a música.

Expressa-se um sincero agradecimento a todos aqueles que ao longo de 2012 contribuíram para manter ativa a Sociedade Teosófica de Portugal. Ao agradecimento junta-se um apelo no sentido do fortalecimento da amizade profunda que favorece a renovação. ∞

Carlos Guerra

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objectivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e actuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objectivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objectivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objectivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insusceptíveis de definições completas, há, individual e colectivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu carácter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua José Estevão 10 B,
1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt
geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
telf.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
telf.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
telf.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
telf.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - João Parente,
joao_1952@sapo.pt, 916 008 902

Maitreya - Maria Alida Rodrigues,
mseijo@live.com.pt, 961 273 843

- PORTO -

Dharma - Lício Correia

Horus - José Almeida

1ª e 3ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
telf.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
Maria de Lurdes Rodrigues,
luceliario@gmail.com, telf.: 265 523 624

Sociedade Teosófica

Presidente: Radha Burnier • **Vice-Presidente:** Mr M. P. Singhal • **Secretária:** Mrs Kusum Satapathy • **Tesoureiro:** Mr T. S. Jambunathan
Sede: Adyar, Chennai 600 020, India • www.ts-adyar.org

Orgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H. P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Navin B. Shah	PO Box 14804, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	navinmeera@hotmail.com
1909	Africa, South	Mr Tom Davis	22 Buffels Road, Rietondale, Pretoria, 0084	<i>The S. African Theosophist</i>	thosgdavis@icon.co.za
1956	Africa, West	Mr John Osmond Boakye	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrika@gmail.com
1929	America, Central *	Mrs Ligia Gutierrez S.	Rept. Los Arcos #43, E.P. 1 c. Sur, Distrito 2, Managua, Nicaragua		ligusimpson@hotmail.com
1920	Argentina	Mr Jorge Garcia	Santiago 257 - 2000 Rosario	<i>Teosofia en Argentina</i>	stargentina@sociedad-teosofica.com.ar
1990	Asia, Southeast †		The Theosophical Society, Adyar, Chennai 600 020, India		theosoc@dataone.in
1895	Australia	Mrs Linda Oliveira	4th fl., 484 Kent St., Sydney, NSW 2000	<i>Theosophy in Australia</i>	tshq@austheos.org.au
1912	Austria *	Mr Herbert Fuchs	Joseph Gaubyweg 7, A - 8010 Graz	<i>Theosofe Adyar</i>	herbert.f.fuchs@gmail.com
1911	Belgium	Mr Jan Jelle Keppler	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	jan.keppler@telenet.be
1965	Bolivia †	Mrs Teresa W. de Nuñez	Casilla de Correo 3911, Cochabamba		saidita_2945@hotmail.com
1920	Brazil	Mr Marcos L.B. de Resende	Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 - Brasilia (DF)	<i>Sophia</i>	tsbrazil@sociedadeteosofica.org.br
1924	Canada *	Mr Medardo Martinez Cruz	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7, Canada	<i>The Light Bearer</i>	mmartinez@manhattaninc.com
1920	Chile *	Ms Maximiliano Aguilera	Cañilla 3603, Santiago 21	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	sociedad.teosofica@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Julia Ballesteros	Carrera. 6, No. 56-27 Apto. 201, Bogotá-2	<i>Selección Teosofica</i>	julitaballesteros@gmail.com
1997	Costa Rica †	Ms Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@yahoo.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb, Croatia	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba		Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	1652 Sta. Agueda, C.7 Les Chalets Court Apto 23, San Juan, PR 00926, USA		polanc@prtc.net
1888	England	Mr Eric McGough	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	office@theosoc.org.uk
1907	Finland	Mrs Marja Artamaa	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	teosofinen.seura@netti.fi
1899	France	Ms Trân-Thi-Kim-Diêu	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	trankimdiêu@sfr.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Theodoros Katsifis	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut 17. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozofia</i>	tshutau7@hu.inter.net
1921	Iceland	Ms Anna Valdimarsdóttir	P.O. Box 1257 Ingólfsstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	ts@gudspekifelagid.is
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophy_vns@yahoo.com
1912	Indonesia	Mr Herry Ispoernomo	Jalan Angrek Nelimurni A-104, Jakarta 11410, Timur	<i>Teosofi</i>	theosofi.indonesia@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine - Co. Londonderry UK BT52 1TA	<i>Insight</i>	maricharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 4014, Ramat-Gan, Israel 52140	<i>Or</i>	mail@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, C.P. 640, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofica.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1971	Japan Δ	Mr Taichi Yamaguchi	2-5-25 Tozukahigashi, Kawaguchi-shi Saitama-ken 333-0802		tsjp@hte.highway.nc.jp
1919	Mexico	Mrs Lissette Arroyo Jiménez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		sociedadeteosofica@prodigy.net.mx
1897	Netherlands	Mrs Els Rijneker	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia</i>	info@teosofie.nl
1896	New Zealand	Mrs Sandy Ravelli	18, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051	<i>TeoSophia</i>	np@theosophy.org.nz
1913	Norway *	Mrs Agnes Gaasemyr	Stadion Vei 9, N - 5162 Laksevaag		post@teosofisksamfunn.no
1948	Pakistan †		Jamshed Memorial Hall, M. A. Jinnah Road, opp. Radio Pakistan, Karachi	<i>The Karachi Theosophist</i>	bhagwanbharvani@hotmail.com
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar	Jr. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Búsqueda</i>	teosoficaperu@hotmail.com
1933	Philippines, The	Mr Rosel Doval-Santos	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua Passos Manoel 20 cave, 1150-260 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mrs Magaly Polanco	P.O. Box 36-1766, 609 C. Miramar PR Hoare, San Juan, PR 00936, U.S.A.	<i>Heraldo Teosófico</i>	polancomagaly@yahoo.com
1910	Scotland *	Mr Gary Kidgell	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	garykidgell@hotmail.com
1889	Singapore Δ	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No 03-04, Sims Avenue Centre, Singapore 387603	<i>Newsletter</i>	sanne@singaporelodge.org
1992	Slovenia *	Mr Breda Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofika Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Clarisa Elósegui	Arenys de Mar 14, Iro-Ira E-08225 Terrasa - Barcelona	<i>Sophia</i>	clarisaelo@gmail.com
1926	Sri Lanka †	Mr S. M. Jayathilake	20/13, Race Course Road, Badulla (BD) 90000	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	smjbadulla@gmail.com
1895	Sweden	Mr Pertrri Spets	Henriksdalsringen 23, SE - 131 32 Nacka	<i>Tidlös Visdom</i>	teosofiska.samfundet.adyar@telia.com
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH-1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		
2007	Ukraine Δ	Mrs Svitlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033		kiev@theosophy.in.ua
1886	USA	Mr Tim Boyd	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	admin@theosophical.org
1925	Uruguay *	Mrs Dolores Gago	Javier Barrios Amorín 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		st.uruguay@gmail.com
1922	Wales *	Mrs Julie Cunningham	Bryn Adda, Brynsiencyn, Llanfairpwll, Anglesey, LL61 6NX UK		theosophywales@yahoo.co.uk

* Data de formação * Associação Regional † Agência Presidencial Δ Grupo adstrito a Adyar

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

OBJECTIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.

3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Trân-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

trankimdieu@msn.com

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Ms Ligia B. Montiel L.

Calle 38, Av. 12 y 14, casa 1276, sabana sureste,

San José, Costa Rica

limolo@teosoficainteramericana.org

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Kiran K. Shah

55A Third Parklands Avenue

PO Box 40149, Nairobi 00100, Kenya

kirankh33@gmail.com